

encontro AGEFE 2026: as encruzilhadas e o futuro do setor eletrodigital

por Sara Ferreira

O Encontro AGEFE de Material Elétrico 2026 reuniu, nos dias 7 e 8 de maio, mais de 180 profissionais do setor no Hotel Montebelo Vista Alegre, em Ílhavo. Foi a maior participação de sempre numa edição que colocou em debate a sustentabilidade da economia, a gestão intergeracional e os desafios da inteligência artificial. Sob o mote *"Damos vida ao presente, aceleramos o futuro"*, o Encontro Anual de Material Elétrico da AGEFE - Associação Portuguesa da Indústria Eletrodigital, serviu de palco para uma reflexão necessária sobre as *"encruzilhadas"* que definem a atualidade.



UMA NOITE DE VENCEDORES: PRÊMIO FORNECEDOR DO ANO, 13.ª EDIÇÃO

O primeiro dia de trabalhos começou com a apresentação do estudo sobre o Mercado Português de Material Elétrico em 2025, por André Jorge, cujos dados serviram de base para o painel *"Economia da Transição: desafios para o setor e para o país"*. Moderado pela jornalista Cristina Esteves, o debate reuniu Aroa Ruza (Schneider Electric), Carlos Requetim (Electro Requetim), Ágata Sousa (Visabeira) e Fernando Cunha (Beyond Composites). Em análise estiveram as tendências do mercado, os desafios do setor e as oportunidades de crescimento, num debate que

sublinhou a importância de alinhar empresas, tecnologia e políticas públicas.

Como já é tradição, o primeiro dia encerrou com o reconhecimento do mérito. A 13.ª edição dos prémios *"Fornecedor do Ano"* distinguiu as empresas que mais se destacaram em 2025 pela sua qualidade de serviço e inovação.

Nesta edição, os galardões foram atribuídos em sete categorias e três menções honrosas. A OBO Bettermann foi a grande vencedora da noite, levando para casa o prémio principal, além das vitórias nas categorias de *"Material de Instalação"* e *"Mobilidade Elétrica"*. Foram ainda distinguidas a Finder (Automação), a Prysmian (Cabos), a Came

(Comunicação, Redes e Segurança), a Hager (Distribuição de Energia) e a Ledvance (Iluminação). As menções honrosas foram para a Morgado (Rentabilidade e Progressão) e a Signify (Oferta e Serviço).

UM FEITO HISTÓRICO NA ECONOMIA NACIONAL

Estamos perante um setor que, nas palavras do Vice-presidente do Conselho Sectorial de Material Elétrico, José António Coutinho, constitui *"um dos principais eixos de estabilidade da economia nacional"*. E que, num cenário marcado por *"volatilidade de custos e incertezas geopolíticas"*, tem dado *"uma resposta extraordinária de resiliência e adaptação"*. Daniel Ribeiro, Diretor-Geral da AGEFE, fez questão de o sublinhar na abertura do segundo dia do certame. O barómetro do setor, divulgado a 7 de maio, mostrava crescimento. *"Num setor que em 2025, registou um crescimento do mercado a dois dígitos e que em 2026 mantém a trajetória positiva, as empresas vivem o contexto presente com apreensão, mas sem pessimismo, embora com maior preocupação do que há dois meses"*, disse Daniel Ribeiro, referindo a pressão nos custos, as perturbações no abastecimento e as alterações nas cadeias de valor. *"O tema é saber até quando as empresas têm margem para aguentar. Hoje é tempo de não perder o timing e passar da visão e da missão para a ação"*, colmatou.



Daniel Ribeiro.



Mario Centeno.

A seguir à abertura, deu-se uma das intervenções mais aguardadas do encontro: a de Mário Centeno, ex-governador do Banco de Portugal, ex-Ministro das Finanças e ex-Presidente do Eurogrupo, que subiu ao palco para falar de sustentabilidade e resiliência da economia portuguesa.

Mário Centeno trouxe uma perspetiva de otimismo crítico, destacando a saúde financeira das empresas portuguesas, mas sem iludir os desafios que persistem. Os desafios da economia, disse, devem ser vistos como encruzilhadas. *“Esta ideia da encruzilhada tem uma ideia filosófica por trás: não podemos tomar decisões com base em percepções”,* disse, aproveitando ainda para sulinhar que *“quem tem mais paciência é quem tem mais liquidez, ou seja, menos dívida. E em qualquer negociação, quem ganha é quem tem mais paciência.”*

Os dados que o ex-governador do Banco de Portugal apresentou foram, ao mesmo tempo, motivo de orgulho e de alerta. O mercado de trabalho qualificou-se de forma notável: o desemprego caiu de 17,2%, em 2013, para 6,1%, em 2022, e foram criados 150 mil empregos líquidos nos últimos cinco anos. Centeno realçou ainda que desde a fundação da Nacionalidade até 2014, os salários pagos pelo setor privado em Portugal atingiram 33,5 mil milhões de euros - valor que, entre 2015 e 2024, quase duplicou para 64,5 mil milhões. *“Conseguimos em dez anos aquilo que tínhamos conseguido em quase 900”,* afirmou. E sublinhou o que considera um feito macroeconómico raro: *“as empresas conseguiram algo muito pouco usual, juntar a redução da dívida ao aumento do investimento ao mesmo tempo”,* num contexto de inflação e taxas de juro elevadas.

Em conversa com o presidente da AGEFE, Nuno Lameiras, tocou também no pessimismo estrutural que historicamente tem marcado Portugal e contra o qual Mário Centeno se posicionou com dados. Nuno Lameiras destacou que Portugal tem hoje uma centralidade geopolítica, energética e digital que não tinha desde os séculos XV e XVI, uma visão partilhada pelo ex-governador do Banco de Portugal: *“o que o país conseguiu nos últimos dez, quinze anos foi algo que, precisamente há quinze anos, pouca gente dizia ser possível. Dentro do contexto europeu, conseguimos transformar a nossa economia num contexto de previsibilidade, estabilidade e credibilidade.”*

Após ser questionado pelo presidente da AGEFE sobre a evolução da inflação, Mário Centeno referiu que, se continuar a aumentar, será *“um mal que tem de ser combatido”*. Quando pressionado a responder se a inflação é conjuntural ou estrutural, recusou dar uma resposta direta, por se encontrar num *“período de silêncio sobre políticas monetárias”*.

O DESAFIO DE UNIR GERAÇÕES

A manhã do segundo dia do Encontro AGEFE de Material Elétrico 2026 prosseguiu com o foco nas pessoas. Patrícia Vicente, da EY, abriu o painel sobre a transição geracional com dados inquietantes: 94% dos profissionais admitem que a cultura organizacional influencia a decisão de permanência na empresa. Metade da Geração Z e dos *millennials* querem trabalhar em organizações alinhadas com os seus valores e 42% dizem que o trabalho flexível é uma prioridade. Num mercado com escassez de talento, a gestão de equipas que integram desde a Geração Z até aos seniores é, segundo a especialista, uma

“enorme alavanca de aprendizagem e inovação”, se for bem gerida.

Num debate moderado pela jornalista Cristina Esteves, Cláudia R. da Silva (Robert Bosch), João Paulo Pinto (Nortécnica) e Vasco Chaves (Palissy Galvani) discutiram como conciliar a tradição de empresas históricas com a modernidade das novas gerações. Cláudia R. da Silva lembrou que o aumento da esperança de vida alargou o tempo de permanência no mercado de trabalho, criando uma *“riqueza brutal”* de diversidade geracional. Vasco Chaves, representante da quarta geração de uma empresa centenária, sublinhou o equilíbrio necessário entre tradição e modernização. A discussão enfatizou que os jovens não procuram apenas remuneração, mas propósito e flexibilidade. *“As equipas têm de ser mais jovens, mas é preciso aproveitar a experiência de quem cá está para não se perder a tradição”,* defendeu o jovem empresário.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO SETOR DE MATERIAL ELÉTRICO: UMA DUPLA OPORTUNIDADE

A última tarde do certame foi dedicada à tecnologia, com a Inteligência Artificial no centro da mesa. Filipe Barreiro, fundador e membro da direção da Portugal DC — Associação Portuguesa de *data centers*, criada em 2023 com a missão de capacitar o futuro digital de Portugal —, abriu o painel destacando o papel de Portugal como *gateway* digital estratégico, cenário que tinha sido potenciado pelo anúncio governamental, no dia anterior, de mais de 40 novos projetos de *data centers* que irão duplicar a capacidade instalada em dois anos. A simplificação dos processos de licenciamento foi outro ponto abordado e, sobre isso, Filipe Barreiros referiu que o executivo tem vindo igualmente a avançar com medidas para acelerar investimentos, incluindo a criação de zonas pré-licenciadas e a implementação de modelos de *“one stop shop”* para investidores.

Cruzando a localização geográfica, a capacidade de ligação internacional através de cabos submarinos e um *mix* energético assente em renováveis, a Portugal DC acredita que o país tem uma oportunidade única para se afirmar no mapa global das infraestruturas de dados. O impacto previsto ronda milhares de postos de trabalho diretos e indiretos e um contributo significativo para o PIB até ao final da década. Lisboa e Porto afirmam-se como os principais polos, enquanto Sines se tornou o projeto mais emblemático, *“aquele que abriu realmente as portas ao resto do mundo”*.

Para Ayse Trigueiros, da SAP, a atual fase representa uma convergência decisiva entre eletrificação, as renováveis e Inteligência Artificial generativa. Trata-se de um cenário em que os sistemas deixam de ser passivos para passarem a ser *“sistemas inteligentes, com*



Carlos Fiolhais, Ayise Trigueiro e Filipe Barreiro.

cadeias de valor interligadas e decisões em tempo real". Segundo a especialista, a Inteligência Artificial já passou da fase de experimentação para a eficiência operacional. "Hoje a IA já não é apenas automação. É um fator estratégico de decisão nas empresas", referiu, destacando aplicações em áreas como manutenção preditiva, gestão de stocks, eficiência operacional e apoio à decisão.

Mas o avanço tecnológico traz também desafios estruturais. A qualidade dos dados, a integração de sistemas antigos, a escassez de talento e os custos de implementação continuam a ser barreiras reais à adoção da IA nas organizações. Ainda assim, a ferramenta assume-se como uma forte aliada, impulsionando a produtividade, acelerando processos e impondo uma reorganização profunda das funções dentro das empresas.

A fechar o tema, o Professor Universitário Carlos Fiolhais encantou a plateia com uma perspetiva histórica e filosófica. Fiolhais enquadrou a Inteligência Artificial como mais um capítulo de uma longa revolução tecnológica que começou com a máquina a vapor e passou pela eletrificação, pelo transistor e pela computação. "Durante séculos, as pessoas nasciam e morriam pobres. Depois da Revolução Industrial, tudo mudou. As máquinas não retiraram trabalho, libertaram-no", afirmou.

O físico recordou ainda marcos como a Lei de Moore, a evolução dos computadores, o surgimento da Internet e a atual revolução da IA generativa, sublinhando que o aumento exponencial da capacidade de cálculo mudou a economia global.

"O mundo muda, e nós mudamos com ele. O futuro é sempre uma caixa de surpresas", disse, defendendo que a educação e a formação contínuas são as únicas garantias de adaptação.

O professor deixou ainda uma reflexão sobre o impacto social da tecnologia: embora a IA possa aumentar desigualdades se mal gerida, o problema não é tecnológico, mas político e ético. A mensagem final foi, porém, de esperança e de humanidade. O Professor Física aposentado da Universidade de Coimbra citou Kai-Fu Lee, uma das maiores referências mundiais na matéria: "se a IA nos permitir entender verdadeiramente a nós mesmos, não será porque esses algoritmos capturaram a essência mecânica da mente humana. Será porque eles nos libertaram para esquecer as otimizações e, em vez disso, para focar no que realmente nos torna humanos: amar e ser amado."

O orador tranquilizou os presentes sobre o


medo da substituição humana, referindo que "não seremos substituídos pelas máquinas porque temos corpo, porque temos interações sociais e cooperativas e porque somos parte de uma civilização que construiu conhecimento ao longo de gerações". "O cérebro", disse, "continua a ser o órgão mais difícil de imitar".

No debate final, o foco centrou-se no impacto da IA no mercado de trabalho. A automação de tarefas repetitivas foi apontada como inevitável, mas também como uma janela de oportunidade para requalificação profissional. A ideia de que a IA pode substituir completamente o ser humano foi rejeitada. Em vez disso, prevaleceu a visão de uma complementaridade entre tecnologia e pessoas.

UM OLHAR SOBRE 2027

No encerramento do Encontro AGEFE de Material Elétrico 2026, Luís Fonseca, Presidente do Conselho Setorial de Material Elétrico da AGEFE, deixou uma mensagem de confiança. Reafirmou que o setor não está apenas a acompanhar a mudança, mas está no centro da transformação tecnológica e transição energética de Portugal.

Houve ainda espaço para o anúncio oficial da criação, pela direção da AGEFE, de uma Comissão para a Igualdade e Inclusão, cujos objetivos e missão estão a ser ultimados.

Saiu-se de Ilhavo, como disse Luís Fonseca no encerramento, "mais informados, mais confiantes e mais preparados para o futuro". Com o convite lançado para o reencontro em 2027, numa edição que promete ser "ainda maior, mais enriquecedora e mais inspiradora", o setor demonstrou estar pronto para liderar o amanhã. 



Patricia Vicente, Vasco Chaves, Claudia R Silva e Joao Paulo Pinto.

